



A PROMESSA

Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

A PROMESSA



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

Gérman Cárceres

Caio Porto

Carlos Newton Júnior



Nunca foi fácil ser mulher

Para Sofia, que se casou cedo, mas não se
deu por vencida

A PROMESSA

A confusão fora grande.

A descoberta de que Sofia não era mais moça caíra como uma bomba na casa do senhor Belizário.

Ao tomar conhecimento da desventura da filha, depois de sentir o sangue fugir-lhe das veias e, em meio a uma repentina tontura, ver a visão escurecer, o senhor Belizário bufou com um touro bravo. Aquilo era castigo que ele não merecia.

Logo ele, que, embora tivesse segredos guardados a sete chaves, fazia questão de parecer austero, cultivando a imagem de ser 'o mais conservador da vila'. Isso sem contar com o rigor como

tratava a esposa, Dona Quitéria, uma santa mulher mantida sob rédea curta, como fosse sua escrava ou prisioneira, autorizada apenas a visitar a irmã Genara, na Ribeira, e a frequentar o Convento das Graças, para a missa e a novena.

De fato, desde que longe da luz vermelha da Hospedaria das Quatro Santas - o casarão soturno nos arredores do mercado do Varadouro dirigido pela sempre-jovem Dona Liana Inanna Lampreia, cujo conforto todos recorriam nos momentos de euforia, agonia, solidão ou depressão -, o senhor Belizário era conhecido pela dureza como tratava

as coisas. Aliás, de tão sisudo, à exceção das mulheres da hospedaria (que o conheciam tanto ou melhor do que o boticário ou o alfaiate), poucos eram aqueles que já o tinham visto sorrir. Na realidade, o senhor Belizário só se soltava na hospedaria, onde fazia questão de experimentar toda carne nova que aparecia e não se esquivava dos jogos cuja prenda paga pelos perdedores eram peças da roupa vestida e, invariavelmente, todos terminavam nus, abrindo caminho para grandes orgias. O senhor Belizário conhecido por todos era aquele que, diariamente, frequentava a missa do Convento da Graça, [era] aquele

que, sem quaisquer questionamentos, beijava respeitosamente o anel-símbolo da autoridade religiosa sempre brilhante na mão estendida por Dom João Anastácio aos fiéis.

Não sabia o senhor Belizário que, tal como qualquer outro, Dom João Anastácio também tinha segredos. E eram segredos muito cabeludos. Aliás, se as traquinagens testemunhadas por suas batinas fossem conhecidos pelo clero, dificilmente, Dom João Anastácio teria escapado dos rigores do tribunal eclesiástico e seria pároco de convento tão respeitável. Poucos sabiam, mas, desde os tempos de diácono, exigindo

silêncio imorredouro das escolhidas, João Anastácio cobrava penitências extraordinárias às pecadoras, fossem noviças ou beatas, fornicando-as de todos os modos, sem dó ou piedade. Com o passar do tempo, mais seletivo, o padre adotou um sistema que, segundo explicava às escolhidas, com o objetivo de dar-lhes uma espécie de 'reserva de remissões antecipadas', aplicava o rigor de forma preventiva. Assim, o fornicário dispunha de um harém no qual saciava a sua vontade de pecar. Pelo novo sistema, mesmo se o confessionário estivesse deserto, desde que houvesse alguma ovelha na igreja, o padre teria como

atuar e fazer a remissão preventiva das pecadoras. Quando o padre chegava à igreja e convocava alguma fiel para a casa paroquial ou para a sala preparatória das oferendas e sacramentos, em meio a cumplicidade de sorrisos abafados, as jovens sabiam que a escolhida passaria por uma sessão de santa depravação, nas quais o limite era a vontade dele [do padre].

O senhor Belizário não sabia, claro, mas fora numa destas confissões exóticas que, ainda muito jovem, Dona Quitéria se deu a conhecer e fora conhecida pelo padre João Anastácio. Na realidade, durante muito tempo, Dona

Quitéria fora a favorita do padre João Anastácio, servindo-o de diversas formas, a ele e a seus parceiros. Vale dizer que, possuidor de vasta experiência no affair, o padre João Anastácio sabia aplicar penitências apropriadas àquelas cujas virtudes precisavam ser preservadas. Assim, anos mais tarde, quando foi desposada pelo senhor Belizário sob as bênçãos do próprio padre João Anastácio, Dona Quitéria mantinha incólumes as membranas que atestavam a sua pureza. Depois do casamento, por razões óbvias, Dona Quitéria reduziu a frequência como obtinha o perdão antecipado de pecados ainda por

cometer. De qualquer modo, com uma pontinha de saudades, Dona Quitéria jamais esqueceu a santa safadeza que a deixava com os fundos em brasa e, vale dizer, já sem as amarras próprias das virgens e mais oferecida, nunca recusou convocação do padre João Anastácio para prestar alguma penitência preventiva.

Se soubessem da satisfação como, desde sempre, embora de forma disfarçada, Dona Gertrudes se entregava aos sacramentos a ela impostos pelo padre João Anastácio - desfrutando-os com sofreguidão e assumindo-os como rotina cada vez mais frequente -, os mais

sábios diriam que seu gosto pela saliência era decorrência de algum tipo de ancestralidade, uma condição herdada da mãe e da avó que, provavelmente, se projetaria sobre suas filhas e netas, sendo responsável pelo comportamento atirado de Sofia. Assim, vendo na filha um pouco de si mesma, Dona Gertrudes compreendia o calor que a esquentava, alimentando sonhos inconfessáveis e tentando-a a toda sorte de traquinagens.

De fato, a jovem Sofia era uma parada.

Com pouco mais de dezesseis anos, Sofia, que nunca fora nenhuma santa, perdera a virgindade com o

sinhozinho Antunes, filho do juiz Amador Collaço, provocando um terremoto na casa do Senhor Belizário. Ninguém sabia, mas a libertinagem do jovem casal começara meses antes, quando, dizendo a Dona Gertrudes que passaria a tarde com a prima Maria Benta, ao invés de interromper a descida da Ladeira dos Milagres no porta-e-janela da tia no largo do Varadouro, Sofia seguia para a Casa Grande no caminho do Povo, onde, depois do chamego travesso com o namorado, entrecortado por muitos 'não', 'aí não' e 'só desta vez', permitia as intimidades desejadas por ambos e, sempre de costas para manter a

virgindade tão preciosa, deixava o sinhozinho Antunes penetrar suas tripas até, gritando os urros que tanto a excitavam, se desfazer em jorros quentes no seu interior. Ela gostava muito da brincadeira, mas o quero-mais falou mais alto e, uma tarde, sem controlar o fogo que ardia dentro de si, ao invés de se virar para receber o namorado por trás, Sofia abriu as pernas e, desfrutando a ardência da primeira vez, o engoliu por inteiro. Aquele momento de delícias inéditas experimentado pela filha única colocada na Terra por Dona Quitéria foi um divisor de águas na vida da família do sisudo senhor Belizário.

De fato, o vuc-vuc irresponsável do jovem casal teria levado a vida inteira, mas, pouco tempo depois, numa farra familiar com os primos, ávido para proclamar sua masculinidade, com a coragem proporcionada por uma ou duas botelhas surrupiadadas da adega maior, o senhorzinho Antunes deu com a língua nos dentes e contou suas intimidades com a cobiçada filha do guarda-livros, inclusive a forma como a tinha deflorado. Foi o bastante. Em menos de uma semana, num processo iniciado com o vagar dos segredos e rapidamente impulsionado ao chegar às beatas, que se encarregaram de ecoar a nova a quem

quisesse ouvir, de cochicho em cochicho, toda vila soube que a jovem filha do senhor Belizário já era mulher. E, de moça recatada, filha de piedosos fiéis do Convento das Graças, de uma hora para outra, Sofia passou a ser a mulher mais falada da vila. Por onde passasse, a jovem arrastava olhares incriminadores e era apontada como se fosse alguma meretriz do cais do porto.

Tão logo soube do acontecido, depois de esbravejar, espancar e confinar Sofia no quarto, em meio à falta de ar que lhe era próprio nos momentos de grandes emoções, especialmente nas raivas extremas, o ímpeto inicial do

senhor Belizário foi seguir à casa grande da estrada do povo e, pouco se lixando para o fato de o homem que desgraçara sua filha ser filho do poderoso juiz Amador Collaço e afilhado do lugar-tenente governador João Paes Barreto, passar o jovem Antunes no fio da espada.

A gritaria das mulheres, especialmente de Dona Gertrudes, no entanto, conseguiu demover o senhor Belizário dos planos de vindita, entregando-o ao mais profundo mergulho em si mesmo. Sentado com a cabeça entre as mãos, preocupado mais com a própria honra do que com o futuro da filha, o senhor Belizário pensou muitas

coisas. O que faria da vida? Que destino daria à filha descabaçada? E, tentando responder a questões como estas, o senhor Belizário passou o resto da tarde.

Muitas coisas passaram pela cabeça dele.

Se a desdita tivesse ocorrido há alguns anos, sem pensar duas vezes, pura e simplesmente, o senhor Belizário teria expulso a filha de casa, colocando-a no olho da rua. Naquela ocasião, no entanto, já sabendo o destino reservado às mulheres soltas nas ruas, foi demovido pela premonição de ver Sofia recorrendo à proteção de Dona Liana e, um dia, ser apresentada e desfrutada por algum dos

seus amigos como 'carne nova'. E, de 'essa-não-serve' em 'essa-não-serve', as alternativas foram sendo descartadas. Se, pelo menos, a família tivesse algum parente radicado no Povo ou, quem sabe, em Igarassu ou, mesmo, no Cabo de Santo Agostinho, ele poderia desterrar Sofia para longe de Olinda - para onde ninguém a conhecesse e soubesse dela já ser furada, dando-lhe a chance de recomeçar a vida. No começo da noite, já cansado de pensar e imaginando estar diante de um caso perdido, junto com o soar dos sinos avisando a próxima missa, chegou uma luz inesperada e o senhor Belizário atinou que, talvez, o melhor

destino para sua filha fosse consagrá-la à Nossa Senhora da Graças, entregando-a aos cuidados do padre João Anastácio.

Já tranquilizado e confiante no acerto do futuro que daria à filha, o senhor Belizário chamou a esposa para comunicar-lhe a decisão. O que veio pela frente foi um temporal. De fato, antes de o senhor Belizário terminar de apresentar a ideia, contrariando a submissão como se portara por toda a vida, fazendo-o esbugalhar os olhos, Dona Gertrudes gritou como nunca tinha gritado antes.

- Nãoooo.

O guarda-livros - que desconhecia o regime imposto pelo padre João

Anastácio às pupilas - não esperava ouvir aquele NÃO gritado pela esposa. Pela explosão da mulher, parecia, até, que ele tinha proposto entregar a filha ao matadouro.

Dona Gertrudes tinha razão, pois, embora o senhor Belizário não soubesse, nas santas celas do convento, uma jovem bonita como Sofia, já sem a pelezinha certificadora de virtudes, não passaria incólume e, desde os primeiros dias, até ser substituída por outra [jovem] Deus sabe quando, seria usada ao bel prazer pelo padre João Anastácio, de todas as formas possíveis, sempre que a vontade o animasse. Lembrada da vergonha de

ser a preferida do padre e de cada uma das vezes que, depois da missa, ainda na sacristia, levantara o vestido e baixara as ceroulas para ser penetrada pelo fornicário, Dona Gertrudes não desejava destino semelhante à filha. Ela sabia que, com o gênio herdado da avó, se não estivesse com vontade de se entregar, Sofia não arregaçaria o hábito apenas para satisfazer as vontades do padre e teria a rebeldia punida com os castigos piores.

- Deixe eu resolver isso, senhor Belizário - Voltando ao recato submisso de sempre, Dona Gerturdes pediu autorização do marido para ir ao

convento. Imaginando que, como ele, a esposa também cogitasse no recolhimento religioso da filha e quisesse a opinião do padre, à guisa de permissão, o senhor Belizário grunhiu um rosnado incompreensível.

Contrariando expectativa do marido, Dona Gertrudes não foi ao Convento das Graças e, sim ao Convento da Misericórdia, um pouco mais adiante, onde visitou o frei Miguel de Fronteras, antigo bispo da vila, então recolhido ao pavilhão dos enfermos. Ninguém sabia, mas o bispo aposentado fora um dos muitos homens santos que, nos seus tempos de favorita do padre João

Anastácio, desfrutara as delícias da beata Gertrudes. Naquele tempo, numa das muitas vezes que estiveram a sós na casa paroquial, ainda entorpecido pelo prazer, em tom de promessa, o bispo Miguel dissera que, se tivesse um filho, ficaria muito feliz em vê-lo casado com alguém como ela. Pois bem. Anos mais tarde, correu a boca miúda que o boticário Artur de Fronteras, poderoso vereador na Câmara da Capitania, era filho bastardo do bispo. Agora, passado muito tempo desde aquelas saliências, o instinto de mulher e de mãe dizia a Dona Gertrudes que, ainda solteiro, o filho

bastardo do bispo era a solução para o problema vivido por Sofia.

Era hora de cobrar a antiga promessa feita a ela pelo bispo. Este seria o assunto a ser tratado por Dona Gertrudes no Convento da Misericórdia com o Dom Miguel de Fronteras.

Como em qualquer conversa, depois de se apresentar e lembrar ao bispo acamado quem era e, adocicando a voz, que estivera com ele muitas vezes nos seus tempos de pupila do padre João Anastácio, Dona Gertrudes falou sobre a filha e da sua vontade de vê-la casada com o Dom Artur de Fronteras, realizando assim a promessa solene por

ele feita num momento sublime. Embora a menção ao filho bastardo tivesse acendido um lampejo de realidade, o ar de ausência não desapareceu e o velho não deu indicadores de se lembrar dela ou, muito menos, de qualquer promessa feita em alguma traquinagem. Dona Gertrudes não esmoreceu. Sem qualquer recato, reviveu os tempos antigos (tempos que, sem sucesso, ela própria procurava esquecer) e, fazendo como sempre fazia, caprichando na suavidade tão apreciada pelo velho frei, embora soubesse impossível qualquer ereção máscula, a matrona abriu o pijama do velho padre e, enquanto lembrava e

cobrava a sua promessa, sacou o seu membro flácido, avivando sua memória cansada com carícias ritmadas. Comprovando ser mestra no affair e não ter perdido o talento que a fizera permanecer como favorita por muitos anos, Dona Gertrudes manteve o mandrilhar até ouvir o 'sim' desejado.

Pronto! O bispo cumpriria a velha promessa.

Exausto pelo esforço, mas satisfeitíssimo com o repentino e inesperado passeio pelo céu - uma sensação celestial que acreditava não mais voltar a sentir na vida -, revirando os olhos e arfando aqueles que seriam seus

últimos suspiros de prazer, [o bispo] conseguiu escrever uma pequena carta ao filho.

No dia seguinte, logo cedo, Dona Gertrudes fez chegar o bilhete ao vereador na campina do Mato Alto, na várzea ao sul da vila.

Tratando-o por 'meu filho', o frei Miguel de Fronteras convidava Dom Artur ao Convento da Misericórdia ainda naquela manhã. Segundo o bilhete escrito com a inconfundível letra trêmula do velho bispo, antes de partir para o encontro com Deus, junto com orientações sobre a herança que lhe deixaria, Dom Miguel queria transmitir-

lhe o último desejo. Da forma como fora encaminhado, o vereador não tinha como recusar o chamado. Assim, tendo como testemunha o padre-confessor encarregado de aplicar a extrema unção e supervisionar a realização da sua última vontade, o vereador Artur de Fronteras ouviu o velho bispo dizer-lhe que, cumprindo antigo compromisso, [o filho] deveria desposar a filha do guarda-livros Belizário. Surpreso com a imposição do bispo (que nunca tinha lhe falado no assunto e, provavelmente, não sabia que a filha do guarda-livros não era mais moça-pura), Artur de Fronteras fez a conta rapidamente e, ponderando os

prós e contras - casaria com uma mulher descabaçada e [por conta disso] seria chacota dos homens pela vila, mas, em compensação, receberia a fortuna deixada pelo bispo e, de quebra, teria uma fêmea jovem à sua disposição para usar sempre que quisesse, dispensando-o de gastar rios de dinheiro com as cortesãs da Hospedaria das Quatro Santas -, [Artur de Fronteras] concluiu que o negócio valia a pena. Com um beijo na testa do velho pai, assentiu ao pedido, selando o acordo proposto no seu leito de morte. O bispo, então, lembrado dos últimos momentos proporcionados por Gertrudes, com um estranho sorriso nos

lábios, deu um longo suspiro e pode morrer feliz.

Três dias mais tarde, tão logo encontrou os pais de Sofia na fila de condolências no velório do antigo bispo, na nave principal da Igreja do Senhor do Mundo, no Alto da Sé de Olinda, com o semblante compenetrado de quem está prestes a fazer coisa muito importante (os menos informados diriam que o cenho fechado decorria da emoção de enterrar o pai), o vereador Artur solicitou uma conversa reservada com o senhor Belizário. Dispensando os salamaleques fúnebres ensaiados pelo interlocutor, o boticário foi direto ao assunto e, ao lado

do cadáver do frei Miguel de Fronteras, tendo o padre-confessor da Diocese como padrinho, pediu a mão de Sofia em casamento. O choque foi grande. O guarda-livros não esperava uma conversa como aquela nas exéquias do antigo bispo da vila, muito menos com o seu filho bastardo, o doutor vereador Artur de Fronteras, um homem importante com o qual se encontrava regularmente na pousada de Dona Liana. Aliás, desde a descoberta da desdita da filha, ainda mantida em rigorosa clausura, o senhor Belizário estava recolhido em casa, longe do falatório das ruas, sem saber o que fazer. Embora alertado por um 'está tudo

encaminhado' dito e repetido pela esposa Gertrudes desde a visita ao convento, o senhor Belizário não esperava por aquilo. De qualquer forma, disfarçando a alegria e temendo estragar o milagre com uma palavra mal colocada, sem qualquer exigência ou oferta, balbuciou um discurso qualquer, autorizando o casamento da filha com o vereador.

Três meses mais tarde, recalcando a saudade do sinhozinho Antunes Colaço (que carregaria pelo resto da vida), em solenidade simples, numa das capelas do Convento da Graça diante de poucos convidados, vestida de branco como se

fosse uma vestal, Sofia foi entregue em matrimônio pelo senhor Belizário ao vereador Artur de Fronteras. Uma cerimônia simples, mas plena de felicidades e de realizações. Dona Gertrudes e o senhor Belizário estavam radiantes, pois, além de restabelecer a honra da filha e da família, aquele casório garantiria um futuro seguro para a filha. Sofia era alegria pura, pois, mesmo furada, conseguira um marido decente, recobrando a chance de vir a ter uma vida normal. De sua parte, o vereador Artur também estava muito satisfeito, pois ficara mais rico com a herança recebida e, como queria, teria em casa à

sua disposição uma mulher fêmea, tão fogosa quanto aquelas das quais tanto gostava na Hospedaria das Quatro Santas.

E, assim, com final feliz, terminou primeira parte da história de Sofia, a travessa filha de dona Gertrudes com o senhor Belizário que, mesmo sem segurar as vontades, conseguiu casar de véu e grinalda com um dos homens mais ricos e poderosos de Olinda e [que], tempos mais tarde, veio a fazer a alegria de metade dos rapazes da vila (mas, isso é outra história).